

Língua Inglesa no contexto acadêmico-universitário: representações, práticas e percepções sociais de uma comunidade universitária brasileira

Tamara Angélica Brudna da Rosa¹

Fernando Jaime González²

Resumo

Na ambiência do Ensino Superior, a Língua Inglesa é (re)desenhada em práticas sociais diversas, dinâmicas e fluidas. Esse idioma se destaca por moldar praxiologias singulares que emergem nas práticas, percepções e representações dos sujeitos em suas comunidades acadêmicas. Diante disso, este artigo apresenta uma pesquisa focada no contexto de uma universidade comunitária do interior do Estado do Rio Grande do Sul, que está no movimento de ampliação de suas políticas linguísticas. Para tanto, foi aplicado um questionário sobre motivação, foram realizados grupos focais, entrevistas com indivíduos da comunidade acadêmica e registros em diário de campo, os quais entram em interlocução com propostas teóricas sobre a temática. Os resultados apontam que a referida comunidade acadêmica está em busca de alternativas que vão além das estratégias tradicionais do uso da LI, na tentativa de romper com as práticas hegemônicas e excludentes de linguagem existentes nos países suleares.

Palavras-chave: Ensino Superior; Língua(gem); Motivação

Data de submissão: Maio. 2023 – Data de aceite: Julho. 2023

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v19i2.13795>

¹ Graduada em Letras -Português/Inglês pela Universidade de Cruz Alta (2001), especialista em Interdisciplinaridade, mestra e Doutora em Educação nas Ciências. Atualmente é docente de Língua Inglesa e língua Portuguesa no Instituto Federal ^{Farrroupilha}, campus Santo Augusto. Presidenta do NAI (Núcleo de Ações Internacionais), do IFFAR. Pesquisadora do GECAL. <https://orcid.org/0000-0003-3359-3909> E-mail: tamara.rosa@iffarrroupilha.edu.br

² Professor de Educación Física pelo Instituto del Profesorado en Educación Física (1990) Córdoba, Argentina, mestre em Ciência do Movimento Humano pela Universidade Federal de Santa Maria (1996), doutor na mesma área pela Universidade ^{Federal} de Rio Grande do Sul (2010). Desde 1998 é professor da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, onde atualmente se desempenha como vice-reitor de pós-graduação, pesquisa e extensão e professor permanente do PPG em Educação nas Ciências. Pesquisa nas áreas de Educação Física Escolar, Educação e Tecnologias, e Sociologia das Práticas Corporais. <https://orcid.org/0000-0002-7033-663X> E-mail: fig@unijui.edu.br

Introdução

Este trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa de doutoramento cujo foco pauta-se na aprendizagem e uso do inglês em contexto acadêmico-universitário sob o viés de práticas sociais que visam um ambiente sociocultural internacionalizado.

A importância de discutir essa temática, no contexto brasileiro, deve-se ao interesse pelo fenômeno de incremento na aprendizagem e uso da Língua Inglesa (LI) como capital cultural na promoção de ações que contribuam para a melhoria do Ensino Superior (ES) de países do Sul Global (PENNYCOOK; MAKONI, 2020). Além disso, existem raros estudos sobre os processos de ensino e aprendizagem da LI no ES desses países, sobretudo no âmbito da teoria da representação social (MOSCOVICI, 1978), que possibilita compreensão dos processos simbólicos da realidade dos indivíduos.

Neste sentido, esta pesquisa busca compreender como o contexto sociocultural permeia o uso e a aprendizagem da LI no âmbito universitário por meio da análise do cenário de uma Instituição de Ensino Superior (IES) sobre o movimento de ampliação de suas Políticas Linguísticas (PL).

A LI desempenha variados papéis na vida social de cada indivíduo que faz parte das comunidades acadêmico-universitárias e, evidentemente, adquire um status (valor). Ricento (2006, p. 5) afirma que o “valor relativo percebido de uma determinada língua, [está] geralmente relacionado à sua utilidade social”; logo, não depende exclusivamente da oficialização redigida em documentos (PL). Dessa forma, o status pode estar relacionado à estética e à ideologia política local, nacional e/ou internacional, por exemplo.

Além disso, a LI pode ser utilizada para demonstrar a filiação, inclusão/exclusão, status econômico e categorização de pessoas/identidades/grupos por meio de mecanismos abertos e encobertos no currículo formal, informal ou oculto. Nessa lógica, compreende-se o currículo e a universidade como espaços de lutas e resistências para construção dos sentidos educacionais, uma vez que ambos podem constituir locais mais ou menos democráticos de produção ou reprodução crítica de sentidos.

Destarte, considera-se para esta discussão o currículo formal, institucionalizado na universidade, o qual se constitui de: PL de LI e de internacionalização, Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e LI como componente curricular. Entretanto, também considera-se o currículo informal e/ou oculto, posto que há ensinamentos e aprendizagens que se apresentam de forma implícita nas entrelinhas das relações estabelecidas no ambiente universitário. Segundo Silva (2003, p. 78), o currículo oculto é “[...] constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes”. Nesse

currículo são aprendidos comportamentos, atitudes, valores e orientações que a sociedade requer das novas gerações para que se ajustem às estruturas e funcionamento da sociedade já constituída. Por currículo informal, que normalmente é de carácter facultativo, entende-se toda a atividade estruturada ou não estruturada que faça parte da vida escolar dos alunos para além das atividades letivas. São exemplos: associações de estudantes, clubes de fala, laboratório de línguas, etc. (RIBEIRO, 1990).

Nessa perspectiva, surge o debate sobre as PL, que, de acordo com Calvet (1997, p. 101), “estão em curso em todo o mundo, acompanhando os movimentos políticos e sociais em cada caso”. Tendo isso em vista, há um aumento de discussões, no Brasil, que relacionam as PL às questões da internacionalização do ES. Como exemplo, citam-se as pesquisas dos autores Finardi e Porcino (2014), Baumvol e Sarmento (2016), Finardi, Santos e Guimarães (2016), Miranda e Stallivieri (2017), Hildeblando Júnior e Finardi (2018), Morosini e Corte (2018), Guimarães e Kremer (2020). Os principais debates se relacionam ao uso do inglês como estratégia de internacionalização local e à perspectiva de que os brasileiros tendem a ver esse idioma como língua de prestígio (FINARDI, 2014).

Por conta disso, surgem muitos estudos sobre a LI relacionada à internacionalização do ES, os quais consideram representações, práticas, percepções e impressões das comunidades acadêmicas para a aprendizagem e uso de línguas, como apontam Horwitz (1985), Brosh (1996), Noels (2001), Griffiths (2007) e Gomez (2018). Neste sentido, Jordão (2014, p. 205) afirma que, para entender o que se passa com a LI na internacionalização do ES, “precisamos revisitar nosso conceito do que são as línguas, o que elas fazem para nós (e nós para elas), bem como a posição que ocupamos pelo inglês em cada cenário cultural e político específico onde está sendo usado e adaptado, ou seja, ressignificado”.

Portanto, pode-se dizer que a internacionalização passou a fazer parte dos cenários acadêmicos nacional e internacional, tanto em países do Sul, quanto do Norte global (VOGEL, 2001; ALTBACH; KNIGHT, 2007; DE WIT, 2011). Há publicações que asseveram que a internacionalização do ES é um fenómeno mundial, sujeito a múltiplas interpretações nos níveis nacional, institucional e individual. Trata-se de um processo desenvolvido há muitos anos no contexto europeu dos países do Norte Global, que vem sendo estudado sistematicamente desde a década de 1980. Entretanto, o estudo da relação entre LI e internacionalização é recente no Brasil (FINARDI; SANTOS; GUIMARÃES, 2016; BAUMVOL; SARMENTO, 2016; GUIMARÃES; FINARDI, 2018).

Então, considerar a conexão entre aprendizagem e uso da LI (re)desenhada pela internacionalização e pelas PL, no contexto acadêmico do Sul Global, torna-se imprescindível, pois, segundo Dafouz, Hüttner e Smit (2016), o inglês ultrapassou o lugar de língua da academia para ser reconhecida na Internet e redes sociais. Os autores ainda apontam que as razões para usar a LI no ES incluem a habilitação da mobilidade de

alunos/funcionários, em prol de fornecer acesso a comunidades de especialistas acadêmicos e colaboração com outras instituições.

Diante desses traçados teóricos, este artigo tem como objetivo apresentar o uso da LI demandado pelo contexto acadêmico-universitário, o envolvimento de estudantes com esse idioma e o processo de macro-meso-micro integração de PL de uma Instituição Universitária Comunitária. No nível macro, o estudo analisou políticas nacionais; no nível meso, políticas institucionais; e no nível micro, as percepções da comunidade acadêmica.

Metodologia

Este estudo foi realizado a partir de uma imersão no lócus da pesquisa, em um dos campus de uma instituição comunitária do Rio Grande do Sul, de março/2019 a março/2020, a fim de acompanhar experiências e práticas acadêmicas, assim como ouvir os representantes de vários segmentos da comunidade universitária (professores, estudantes e gestores institucionais), para capturar representações e percepções sociais entrelaçadas com a aprendizagem e uso da LI.

Realizou-se uma observação não-participante, sistematizada por meio da análise dos registros de um diário de campo elaborado no período supracitado, o qual contém fotografias e registros de outras informações gráficas disponíveis no ambiente pesquisado.

Primeiramente, foi utilizada a técnica de grupo focal, proposta por Aschidamini e Saupe (2004), com seis alunos dos cursos de Administração, Direito, Ciência da Computação, Educação Física e Engenharia Mecânica. Após, foram realizadas entrevistas com cinco gestores e/ou professores dos mesmos cursos, com duração de uma hora. As reuniões e as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

Também, foi enviado um questionário, via ferramenta *Google Forms*, para todos os alunos matriculados a partir do terceiro semestre dos cursos mencionados. No total, em um universo esperado de, no mínimo, 150 respondentes, apenas 40 estudantes responderam ao formulário. O instrumento de coleta de dados foi traduzido para a língua portuguesa com base na proposta desenvolvida por Dörnyei, Henry e Muir (2016), já validada pelos autores ao aplicarem-na em outros países, e buscou investigar, por meio de perguntas abertas e fechadas, atitudes e motivações para a aprendizagem e uso da LI.

Ademais, foi realizada uma análise documental no site institucional da instituição, com foco no Escritório de Relações Internacionais (ERI) e no PDI de 2015-2019 e de 2020-2024. Também foram objeto de especial atenção normativas, notícias e projetos institucionais que tratavam de forma mais direta sobre o uso e ensino da LI inter-relacionados com a internacionalização.

1. Ambiente sociocultural da comunidade acadêmico-universitária suleiar

A Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ) é uma instituição comunitária cujo caráter é científico-técnico-educativo-cultural, de fins não lucrativos e pessoa jurídica de direito privado, dotada de autonomia didática, pedagógica, científica, administrativa, com gestão financeira, patrimonial e disciplinar; além disso, obedece ao princípio de indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão nos termos da lei e dos estatutos. A universidade multicampi é reconhecida como uma das melhores universidades do País e do Estado, com mais de 60 anos de atuação na educação superior. Quanto à atividade fim, oferece cursos de Graduação, nas modalidades presenciais e à distância (EaD), e cursos de Pós-Graduação Lato e Stricto Sensu.

Neste estudo, optou-se por empregar a análise no campus Santa Rosa, o qual já tem 30 anos desde sua criação. Atualmente, esse campus conta com 12 cursos de graduação presencial, 15 cursos na modalidade EaD, Pós-Graduação Lato Sensu, duas residências e oferta de disciplina de programas Stricto Sensu.

Traçados os aspectos macrossociais e geopolíticos do lócus de pesquisa, apresenta-se a análise da LI como um fator sociocultural, a seguir, para reconhecer as idiossincrasias, rizomas e praxiologias presentes no referido contexto acadêmico-universitário.

1.2.3.1 A importância da LI para os estudantes: (des)motivações na comunidade acadêmico-universitária

A partir da aplicação de um questionário elaborado por Dörnyei, Henry e Muir (2016), foram analisadas, na abordagem do nível microsocial, as motivações e percepções da comunidade acadêmica sobre a aprendizagem e uso da LI no seu contexto local.

Neste sentido, perguntou-se a 150 estudantes qual a importância de estudar inglês, mas apenas 40 responderam (Gráfico 1). Embora a não participação tenha afetado a taxa de retorno, Dörnyei e Taguchi (2010) indicam que uma faixa de 1% a 10% de respondentes da população questionada é aceita neste tipo de pesquisa. Sobre isso, conjectura-se que haja a existência de pelo menos quatro fatores citados em relação à distância social (LARSEN-FREEMAN; LONG, 1994): [1] dominância social (dominância, não dominância, subordinação); [2] Coesão - tratava-se de membros de um grupo bastante coeso, o que tendia a minimizar o contato com o grupo da língua inglesa; [3] Atitude - embora difícil de avaliar, as atitudes intergrupo eram de estranhamento; [4] Tempo pretendido de permanência/duração da estadia no ambiente da língua alvo era relativamente curto, o que torna o contato menos possível de ser desenvolvido. Já a distância psicológica é um

construto que envolve quatro fatores no nível individual (LARSEN-FREEMAN; LONG, 1994): choque cultural, choque linguístico, motivação e permeabilidade do ego. Segundo Schumann (1978), tais fatores tornam-se importantes nos casos em que um indivíduo é membro de um grupo que não está situado favoravelmente nem negativamente no processo de aquisição de LI.

Dessa forma, com o propósito de identificar o perfil sociocultural dos estudantes observados e conhecer seus objetivos específicos com relação ao aprendizado da LI, foi empregado um questionário, respondido anonimamente. Em relação ao gênero sexual dos entrevistados, 52,5% era do sexo masculino e 47,5% do sexo feminino. A maioria dos respondentes (85%) estava na faixa etária entre 18 e 30 anos. O perfil dos estudantes respondentes pode ser assim formulado: tratam-se de jovens adultos, pertencentes a classes sociais de média e baixa renda, residentes no Rio Grande do Sul, atuantes no mercado de trabalho, em posições que não requerem o conhecimento da LI, ocupam-se da atividade profissional em períodos de 04 à 08 horas diárias, o que implica na restrição de tempo para o envolvimento com tarefas extraclasse. A maioria informou não ter contato com a LI fora do ambiente acadêmico-universitário e, dentre os que têm, esse contato se limita a filmes e músicas.

Outrossim, foi constatado que o grau de compartilhamento das atividades sociais na universidade é bastante limitado, o que faz com que as oportunidades de contato e aquisição da LI sejam reduzidas não só devido às políticas linguísticas da instituição terem sido recentemente criadas, mas ao alto grau de não pertencimento a essa língua(gem). Cabe ressaltar que essa situação é frequente na maioria das IES brasileiras, especialmente nas suleares. Apesar do reconhecimento da importância da LI globalmente, neste grupo, o tempo de contato com esse idioma é restrito, pois os estudantes trabalham durante o dia e estudam à noite. Em síntese, os participantes dessa comunidade acadêmico-universitária têm a crença de que o aprendizado do idioma é necessário, mas a falta de políticas linguísticas locais (locais, nacionais e globais), com um ensino de qualidade, é fator que aumenta a lacuna social dos que têm e dos que não têm acesso a esse capital/conhecimento.

Por conseguinte, já que os alunos não mencionaram outro tipo de contato ou desejo de interação com falantes de inglês, a orientação integrativa foi considerada uma hipótese contundente – o que pode ser explicado pelo raro estímulo para tal, dadas as limitações de recursos desses estudantes. Tal situação pode ser constatada na comunidade investigada, uma vez que a grande maioria (80%) dos respondentes relatou não ver necessidade imediata e nem a longo prazo, na família, emprego ou faculdade, de aprender a LI.

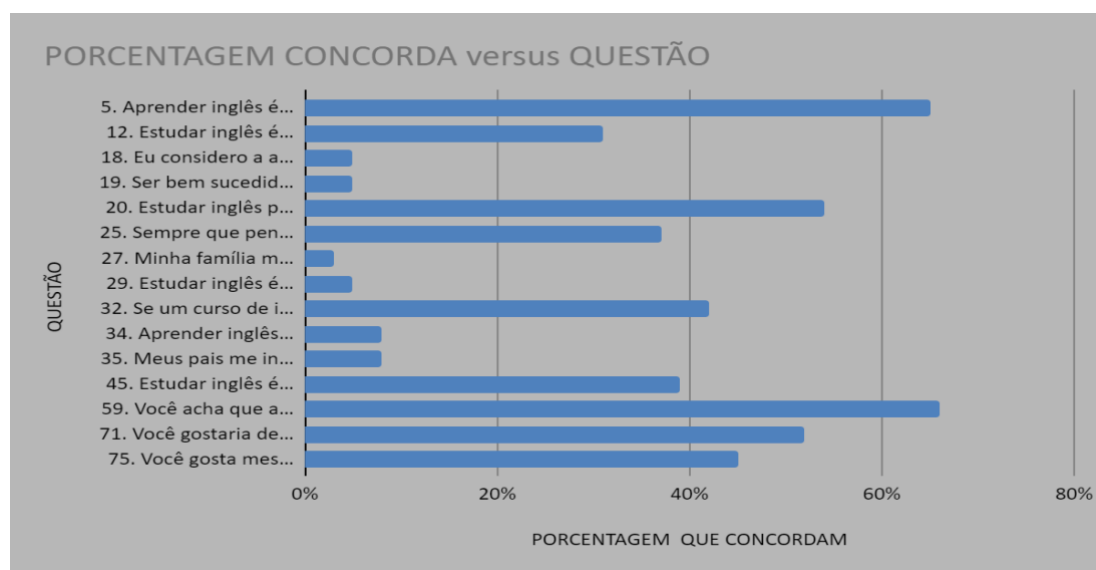
Nesse sentido, durante a coleta de dados constatou-se que todos os componentes curriculares dos cursos pesquisados são em língua portuguesa, o que elimina a possibilidade de criação de referência/contato com falantes, nativos ou não, da língua alvo.

Desse modo, foi constatado que a LI não aparece no currículo formal e muito menos no currículo informal e/ou oculto.

Em se tratando da aprendizagem e uso da LI, cabe salientar que o uso da linguagem é visto como uma prática social. Segundo Fairclough (2001, p. 33), esse uso “é formado socialmente, mas também forma socialmente...”. Ainda, o autor salienta que é simultaneamente constitutivo de: “(i) identidades sociais, (ii) relações sociais e (iii) sistema de conhecimento e crença”.

No caso em estudo, as identidades sociais dos sujeitos pesquisados correspondem a alunos de uma IES comunitária do interior do Rio Grande do Sul. Esses sujeitos responderam, via instrumento de coleta de dados, a um sujeito pesquisador servidor de um Instituto Federal que cursa doutorado vinculado à mesma IES deles. Nota-se, então, a representação das relações sociais entre os sujeitos e as instituições que os integram. Ao contemplar o sistema de conhecimento e crença, seria possível afirmar que, quase como um discurso de doxa, o que se espera de um estudante que conclui o Ensino Médio, nesta sociedade, é que ele ingresse no ES e “as portas do mundo se abram”. Desse modo, há uma reprodução do discurso dominante sobre o acesso ao conhecimento universal preconizado pelas IES. Duas constatações reiteram essa possibilidade: não se observou qualquer outra menção à LI nas interações entre esses estudantes (conversas de corredor perguntas ao professor etc.); e a permanência em universidades particulares (comunitárias), por ser o único meio de acesso ao ES para a maioria deles. Tal situação pode ser constatada no gráfico abaixo.

Figura 1 - Gráfico sobre a importância da LI.



Fonte: Autoria própria.

Quando questionados sobre a importância da LI na dimensão interpessoal, 66% dos estudantes disse que saber inglês é essencial para ter uma promoção no trabalho, 65%

disse que planeja cursar nível superior no exterior e 58% concorda que a LI é importante para conseguir um bom emprego.

Porém, para 80% deles gostariam de fazer algum intercâmbio mas, de acordo com os mitos e equívocos sobre internacionalização, discutidos por Knight (2011) e De Wit (2011), muitas pessoas acreditam que o principal objetivo de aprender a LI no processo de internacionalização é promover mobilidade, juntamente com o estabelecimento de mais acordos entre instituições estrangeiras. Ademais, os estudantes alegaram que a LI não é sua língua materna e que não necessitam dela para vivenciar situações do seu cotidiano, ainda que seja cada vez mais importante e útil como língua internacional.

Entretanto, quando questionados sobre a IES oferecer mais aulas de LI para promover a aprendizagem da língua, a grande maioria dos entrevistados (95%) insistiu na ideia de oferecer “mais programas contemplando a LI”. Essa constatação vem ao encontro do que Shohamy (2006, p. 13) alerta:

[...] o Inglês usado em diferentes partes do mundo é contextualmente dependente e varia de um local para outro. Nesse sentido, as práticas de linguagem devem ser plurilíngues e pluriculturais, a fim de provocar a desconstrução de hierarquização linguística, a desmistificação da noção de falante nativo e o estímulo de interações linguísticas tolerantes e solidárias.

Entretanto, os participantes consideram que a mobilidade é uma atividade fundamental e muitos deles se sentem excluídos das ações de internacionalização, principalmente por causa das poucas oportunidades de mobilidade oferecidas atualmente no Brasil, embora não considerem necessário momentaneamente aprender a LI. Nessa conjuntura, ressalta-se que o Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas (QCER) e os exames internacionais para ter acesso às IES e empresas, no exterior, se configuram como obstáculos e não se enquadram como os instrumentos de avaliação internacional no contexto glocal, o que acarreta baixo índice de proficiência de estudantes do Sul Global.

1.2.3.2 Representações e percepções sobre a LI

Atualmente, a LI ocupa uma posição, devido aos contatos transnacionais na contemporaneidade, impulsionada por uma combinação de fatores sociais e econômicos. Nesse contexto, aprendê-la e utilizá-la liga-se fortemente à motivação, assim, Pennycook (2007) defende que o inglês se tornou tanto uma língua de ameaça, desejo, destruição, como de oportunidade. O autor ainda argumenta que deve haver o entendimento dos usos do inglês numa visão mais complexa de globalização, que leve em conta os efeitos de fluxos

transculturais que têm remodelado e hibridizado as práticas culturais e linguísticas dos sujeitos (PENNYCOOK, 2007).

Apesar dos inúmeros rótulos que têm sido conferidos à LI, nas últimas décadas, em especial no contexto acadêmico-universitário, é significativo mencionar que os debates estão longe de ser unânicos quanto à importância dessa língua.

Primeiramente, deve-se ponderar que as maneiras como os sentidos são construídos em uma língua, seja materna ou estrangeira, têm sido ressignificadas, dadas as múltiplas formas de linguagem que se apresentam em qualquer instância comunicativa atual. Sob esse viés, a LI e os seus usos nas IES não podem ser entendidos sem uma compreensão dos fatores socioculturais construídos historicamente no Brasil e no mundo.

Em várias universidades ao redor do mundo, cujos alunos não têm o inglês como língua materna, as estruturas e os mecanismos para ensinar essa língua foram fortalecidos e continuam a se desenvolver. Não obstante, como pode ser visto na IES em estudo, assim como na grande maioria de IES do Sul Global, ainda há muitos desafios a serem enfrentados em termos de formação nas universidades.

Para corroborar essa situação, seguem duas falas sobre a importância da LI, uma de um gestor e outra de um estudante:

Entrevistador: Qual a importância da LI em seu âmbito pessoal e acadêmico?

Estudante: Acredito ser importante estudar e saber a LI, mas nunca precisei na minha vida e no meu trabalho até agora [...]. Acho que não faz diferença pra mim.

Gestor: Pessoalmente, senti a necessidade de saber inglês quando fiz meu mestrado. Já agora como gestor, vejo que é uma das metas, ou melhor, uma das missões das universidades promoverem e potencializarem o seu uso [...], mas infelizmente sofremos muito com a falta da cultura de reconhecer a importância da LI tanto dos professores como de nossos alunos [...].

Nesses trechos do estudante e do gestor encontram-se características de resistência à aprendizagem da língua, pois estão socialmente distantes da LI, o que não promove absorção do insumo fornecido nas interações sociais ao longo da vida pessoal e nem em na atual vida acadêmica. Aliás, as variáveis sociais são fatores que influenciaram substancialmente o uso e a aprendizagem da LI, como o status político, cultural, técnico e econômico, mesmo com diferentes contribuições para a resistência à aprendizagem.

Entretanto, é preciso reconhecer a complexidade dessa questão, a qual requer reflexões sobre múltiplos fatores que não se encerram no contexto da comunidade acadêmica. De acordo com Leffa (2011, p. 25), “[a] educação é o fator que mais discrimina

no Brasil. Para entender essa situação, a seguir, discute-se acerca das políticas linguísticas da IES pesquisada.

1.2.3.3 As políticas linguísticas da IES suleair: a LI e a internacionalização

A universidade comunitária em estudo está situada no interior do Rio Grande do Sul (RS) e foi organizada e mobilizada para facilitar o acesso ao ES em diferentes regiões. Tem como missão “formar profissionais com excelência técnica e consciência social crítica, produzir e difundir conhecimentos, contribuindo para o desenvolvimento da região” (UNIJUÍ, 2019, p. 15).

De acordo com o PDI, para os anos de 2020-2024, a universidade tem como política linguística:

Transformar os campi em ecossistemas multilíngues, favorecendo a aprendizagem, o aumento na proficiência e o uso habitual de línguas estrangeiras, em especial inglês e espanhol, bem como o aprimoramento do uso acadêmico e profissional da língua portuguesa. (UNIJUÍ, 2019, p. 35).

Neste sentido, a língua constitui os planos estratégicos de desenvolvimento institucional da IES, visibilizada nos acordos de cooperação internacionais, artigos acadêmicos e na oferta da LI no currículo informal – todos esses fatores apontam para a centralidade deste tema no âmbito do ES. Em detrimento desse aspecto, a internacionalização pode acontecer de várias maneiras, como por meio da (mas não limitada à) mobilidade estudantil, pesquisa conjunta, acordos internacionais, cursos de línguas, entre outras atividades.

Sob esse viés, a IES tem a política de internacionalização, que objetiva “desenvolver processos dinâmicos, diversificados e institucionalmente articulados de ações de cooperação e mobilidade internacional, buscando qualificar a pesquisa e enriquecer a formação da comunidade acadêmica” (UNIJUÍ, 2018, p. 1). Cabe ressaltar que no início desta pesquisa estava vigente o PDI 2015-2019, no qual já se fazia menção à internacionalização:

A UNIJUÍ também mantém uma política de internacionalização incentivando ações para fortalecer o relacionamento com outras instituições de ensino no exterior, possibilitando ao estudante desenvolvimento científico e a troca de conhecimento através da mobilidade acadêmica. Ela acontece por meio de

parcerias com instituições internacionais de todo o mundo. As possibilidades de intercâmbio e de aprimoramento em Língua Inglesa são gerenciadas pelo Escritório de Relações Internacionais, ligado à Reitoria, que auxilia os estudantes interessados nessas experiências. [...] Um grande desafio para os próximos anos refere-se à internacionalização do fazer universitário. Atualmente, as principais iniciativas têm envolvido a mobilidade acadêmica, seja no encaminhamento, seja no recebimento de estudantes estrangeiros. A etapa que agora exige um fortalecimento institucional envolve o estabelecimento de parcerias com instituições internacionais a partir das linhas de pesquisa, majoritariamente dos programas stricto sensu, o que permite a densificação de resultados das pesquisas conjuntas e a elevação da mobilidade docente. (UNIJUÍ, 2015, p. 13-15).

Posteriormente, passou a constar, no PDI 2020-2024, que todas as ações são incentivadas pelo ERI, o qual busca “dar suporte e promover a efetivação da internacionalização da universidade por meio do vínculo operacional pleno com professores, estudantes e técnicos administrativos” com o objetivo de “articular os processos de internacionalização às dimensões do ensino, da pesquisa e da extensão, abrangendo comunidade acadêmica e público externo” (UNIJUÍ, 2019, p. 148). Dessa forma, a consolidação das ações do primeiro PDI surge de modo mais elaborado e palpável na vigência do segundo.

Alinhada com a proposta de um ambiente sociocultural internacionalizado, mesmo com vários obstáculos apontados pela comunidade acadêmica, a maioria dos participantes vê com bons olhos o foco na internacionalização e sua relação, conseqüentemente, com o aumento na qualidade do ensino. Nesse quesito, a questão financeira, ainda que atrelada ao crescimento da pesquisa científica e tecnológica, é um fator decisório tanto a nível institucional quanto pessoal. Dessarte, a instituição almeja PL que de fato saiam do papel e beneficiem a comunidade acadêmica, mas as ações ainda são tímidas e a questão da aprendizagem e do uso da LI e de outras língua(gens) é uma barreira. Mesmo assim, a IES busca ofertar um espaço em que a LI e a internacionalização tornem-se políticas institucionais sólidas, com o intuito de proporcionar uma formação de cidadãos críticos e do mundo (Tabela 1).

Tabela 1 – Quantidade de alunos da graduação com intercâmbio realizado

2014			2015			2016		
Convênios bilaterais			Convênios bilaterais			Convênios bilaterais		
País	Período	Qtd. Alunos	País	Período	Qtd. Alunos	País	Período	Qtd. Alunos
Portugal	6 meses	7	Espanha	6 meses	2	Austrália	10 meses	1
Polônia	6 meses	2	Polônia	12 meses	3	Egito	3 meses	1
Ciência Sem Fronteira			Portugal	6 meses	3	Polônia	6 meses	4
Alemanha	16 meses	1	Portugal	12 meses	2	Portugal	6 meses	6
Austrália	14 meses	1	Unibral I - Capes/Daad					
Espanha	12 meses	1	Alemanha	12 meses	2			
EUA	18 meses	1	Programa					
EUA	17 meses	1	Portugal	6 meses	1			
EUA	12 meses	2						
Hungria	12 meses	1						
Total		17	Total		13	Total		12

Fonte: Dados da pesquisa.

Esses dados revelam que a instituição empenha esforços para potencializar a internacionalização por meio de:

Um processo dinâmico e articulado, fomentando e internalizando as práticas institucionais que envolvem todas suas unidades acadêmicas e que, através do desenvolvimento de acordos e projetos com parceiros nacionais e internacionais, busca elevar os níveis de qualidade educacional e da pesquisa na Graduação e na Pós-Graduação. (UNIJUI, 2019, p. 43).

Entretanto, os números ainda são baixos em relação ao engajamento de estudantes. Cabe ressaltar que tal situação é vivenciada por boa parte das universidades comunitárias, latino-americanas e pertencentes ao BRICS. Assim, tendo em vista a importância estabelecida e todos os esforços realizados com relação à internacionalização do ES, o que se percebeu foi o baixo grau de conhecimento e desejo efetivo dos discentes no tocante às possibilidades de mobilidade internacional. Os dados coletados apontam uma grande disseminação sobre a importância da LI no âmbito da gestão, mas, infelizmente, isso não foi internalizado e/ou naturalizado pelo restante da comunidade acadêmica.

Com o avanço nas ações de desenvolvimento no uso da LI, das PL e de internacionalização, a Instituição aqui investigada tem investido na oferta do curso de Inglês, por intermédio do Laboratório de Ensino de Línguas (LELU). O LELU, todo semestre, com maior ênfase a partir de 2019, oferta turmas para cursos do referido idioma dos níveis básico ao avançado e tem como público bolsistas, professores, técnicos e estudantes interessados. Também há o “Dia das Línguas Estrangeiras”, o qual configura-se como uma prática social que vislumbra contemplar todas as língua(gens) da comunidade acadêmico-universitária.

Contudo, mesmo com o acesso aos cursos de LI e com a possibilidade de participar de atividades de intercâmbio, não há o devido suporte e/ou incentivo para a produção de artigos submetidos em periódicos internacionais, posto que tal prática se reduz a alguns profissionais que têm conhecimento de LI. Não diferente, é notório que a capacitação do corpo docente e técnico-administrativo para o contexto da universidade, que recebe estudantes e professores estrangeiros, e a formação linguística do corpo docente são algumas das ações que precisam ser consolidadas na internacionalização desta IES. Segundo Pereira (2021, p. 5640), “O caminho para esse ideal de universidade com maior mobilidade acadêmica de sujeitos e conhecimentos é uma realidade que está bem mais próxima apesar de ainda haver uma longa jornada até que ela seja alcançada de forma universal”.

Devido aos resultados encontrados neste estudo e à centralidade das línguas para a educação, torna-se imperativo que os gestores do ES revisem as políticas relativas ao conhecimento das línguas para contextos acadêmico-universitários, com o vislumbre de combinar diferentes políticas para atender às necessidades glocais. A IES investigada e as demais instituições podem ter mais chances de promover práticas linguísticas equilibradas, que sejam multilíngues e sustentáveis a longo prazo, se forem adequadas aos países suleares. Portanto, ao empregar práticas decolonias em suas ações, no contexto de ensino, a participação e a agência de interessados no ES são essenciais para compreender as necessidades locais face às pressões nacionais e globais. Torna-se imprescindível decolonizar e descolonizar mentes e práticas pedagógicas, sociais. Saber LI não é uma questão de ceder ao poder americano e sim de criar a possibilidade de interagir em vários cenários, negados historicamente a uma grande parcela da humanidade.

Desse modo, é possível afirmar que a situação da IES estudada é reflexo da não existência, no Brasil, de uma prioridade para aprender línguas e que essa situação ecoa desde o Ensino Fundamental até o ES. A ausência da cultura de aprendizado da LI, constatada nas falas acima, tem suas matrizes em processos permanentes e nunca concluídos dos indivíduos, o que implica, assim, esforços contínuos de atualização, pois há diferentes socializações e disposições na (não)aprendizagem da LI, no RS, no Brasil, na América Latina. Seus usos e representações evocam sentimentos complexos, e, em outras palavras, todos reconhecem a importância da LI, mas nem todos atribuem a ela o mesmo valor e status ou dedicam-se ao seu aprendizado.

Destaca-se, ainda, que há a necessidade de melhorar a capacidade de uso do inglês na instituição investigada, potencializar a atração de estudantes estrangeiros e preparar a comunidade acadêmica para a diversidade linguística, pois percebeu-se que há um número reduzido de professores com conhecimento da LI. Aliás, num contexto contra-hegemônico, é sabido que a maioria das universidades comunitárias esbarram na ausência de recursos financeiros para dar suporte ao uso do inglês e de outras língua(gens), ou seja,

há pouco suporte para utilizar a LI como meio de motivação para ações inerentes e oportunizadas pela internacionalização.

Sendo assim, entende-se que, para modificar esse contexto, é preciso conceber a LI atravessada pela internacionalização de maneira integral e transversal. Corroborar-se, de tal modo, a ideia de Guimarães e Pereira (2021, p. 5614): “No sentido de que ela se torna um elemento intimamente introjetado na tríade universitária e que, portanto, viabiliza impactos salutares na instituição e na sociedade”.

No entanto, a importância de estudos da LI voltados à internacionalização está em suscitar reflexões sobre as ideologias políticas, sociais e econômicas subjacentes à relação entre o Norte e o Sul Global, que, muitas vezes, quando um polo é marginalizado ou excluído pelo outro, resulta em desigualdades (VAVRUS; PEKOL, 2015).

Dessa forma, Stein (2019 apud SILVA; XAVIER, 2021, p. 5588) ressalta que as decisões públicas e estudos, ou seja, os próprios PDIs, devem ser orientados com vistas à:

- a) internacionalização para o bem público, em uma perspectiva liberal de formação humana; b) internacionalização para a solidariedade global, voltada para ações contra a opressão e a marginalização das culturas e indivíduos que, de fato, possam mudar o status quo vigente; e c) internacionalização decolonial, capaz de promover mudanças em políticas e práticas vindouras.

Cabe ressaltar que a Universidade investigada não é analisada pela dicotomia bom versus ruim, uma vez que existe exacerbada propensão a comparar as IESs com as chamadas “Universidades de Classe Mundial”, do Norte Global, as quais gozam de inúmeros fatores que favorecem a intensidade e qualidade da sua dimensão internacional, de modo que qualquer esforço comparativo conduz inexoravelmente a resultados desmoralizantes que abortam ou desencorajam a continuidade de qualquer esforço de medição. Basta lembrar que as *World Class University* (WCUs), Universidades de Classe Mundial em português, se dedicam intensamente à pesquisa e que os rankings internacionais atribuem justamente o maior peso aos indicadores dessa modalidade (80% *Academic Ranking of World Universities* – ARWU), 62,5% revista *Times Higher Education* (THE) e 60% empresa *Quacquarelli Symonds* (QS) (RAJAGOPALAN, 2018). Portanto, é difícil obter informações confiáveis e relevantes que possam ser comparadas internacionalmente nas áreas de aprendizagem, transferência de conhecimento, apropriação cultural etc. (STREET, 2003).

Apesar desses e outros fatores que dificultam a mensuração da LI e da internacionalização no ES por meio de indicadores, o processo de internacionalização também pode ser assumido pelas próprias IESs sob um modelo de autorregulação, que

inclui a autoavaliação e a avaliação por pares ou instituições acadêmicas equivalentes. Nesse modelo, a mobilidade intrarregional de estudantes e pesquisadores, projetos conjuntos e redes de pesquisa seriam componentes de uma prática glocalizada da LI alinhada ao protótipo conceitual ideal da universidade latino-americana, suleir, com uma marca de qualidade e significado próprios.

Nesse cenário, expandir a aprendizagem e uso da LI para contemplar um ambiente sociocultural com a dimensão internacional do ES com a criação de uma língua franca acadêmica, no caso a LI, não é apenas uma opção, é uma “responsabilidade” que não pode ser rejeitada, caso contrário os alunos seriam privados de uma preparação adequada para enfrentar um mundo complexo, multicultural e interdependente. Importa, ademais, não só expandir a LI, mas todas as línguas que façam sentido dentro da referida comunidade.

Inegavelmente, o desenvolvimento da internacionalização do ES e da criação de uma língua franca acadêmica na América Latina, no Brasil e na instituição pesquisada ainda é baixo, porém, organizações, como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), trabalham de forma obstinada para que esse processo ocorra o mais rápido possível.

Diante disso, pesquisadores recomendam, além da criação de uma língua franca acadêmica, a internacionalização do currículo para a aplicação de uma abordagem internacional comparativa nas diferentes análises. As universidades devem preparar os alunos para lidar com emergências globais. Estudos em línguas ou línguas estrangeiras, nesse contexto, devem abordar especificamente questões de comunicação e proporcionar treinamento e habilidades interculturais (SPRACHCAFFE, [s.d.]).

Logo, preparar os alunos para os desafios globais envolve imprescindivelmente a introdução do enfoque internacional no ES, que deve ser motivador suficiente para acelerar tal processo, uma vez que o trabalho dos educadores de nível superior não pode e não deve evitar essa demanda. Em outras palavras, a LI deve se apresentar como uma ferramenta propulsora para inserção em diversas práticas sociais.

É verdade que, em grande parte, as manifestações da internacionalização, principalmente no Brasil e na América Latina, são apresentadas por meio de intercâmbios de estudantes, mas atualmente esse processo se sofisticou. Por conseguinte, para que se desenvolva plenamente, é necessário incluir a abordagem da internacionalização nos processos educacionais, nos currículos formais e informais. Isso implica trabalhar para criar condições de cooperação acadêmica entre as instituições nacionais (JORDÃO, 2014). Cooperações nas quais a LI se configure como elemento centralizador e balizador.

Dessarte, acredita-se e reconhece-se que a Universidade Suleir aqui analisada trilha seus passos neste caminho. No entanto, parecem ainda persistir práticas que corroboram

o caráter colonial da LI. Conforme Silva, Menezes e Pinheiro (2003, p. 31), “Se uma língua pode ser um produto do colonialismo, então, deveria ser igualmente possível descolonizá-la, se houver uma vontade coletiva”. Desse modo, concorda-se com Guimarães e Pereira (2021, p. 5598), quando dão voz ao contexto glocal de IES como a UNIJUÍ:

Na América Latina e no Brasil, autores e centros consolidados que discutem internacionalização são poucos, se comparados com a América do Norte, Canadá, Estados Unidos e União Europeia. Ao comparar a produção dos países do Norte Global com os do Sul Global, a autora salienta que no Norte predomina a pesquisa de como fazer a internacionalização, já no Sul são discutidas questões críticas sobre o tema, conceitos e suas relações com os organismos multilaterais. Consideramos tais perspectivas de estudos do Sul Global relevantes, no sentido de problematizar a lógica embutida nas relações de cooperação, de deslocar o pensamento para outras possibilidades de internacionalização da educação pública brasileira, idealizando alternativas e perspectivas desvinculadas da perspectiva hegemônica e passiva pautada por uma orientação mercadológica de educação.

Em suma, no que tange à LI, essa língua assume papel fundamental para as reflexões em torno da relação entre internacionalização e PL (GUIMARÃES; FINARDI; CASOTTI, 2019). Ou seja, tanto na UNIJUÍ quanto em outras IESs suleares, a criação de uma língua franca acadêmica é uma responsabilidade que não deve ser assumida somente nos documentos oficiais, como os PDIs. Isso pode ser feito por diferentes frentes práticas, como incluir a cultura internacional no currículo, promover o trabalho interinstitucional e multicultural, a diplomacia estrangeira, reformar o ensino de línguas estrangeiras e sua cultura, ensinar disciplinas com maior conteúdo e contexto internacional, promover estudos comparativos interdisciplinares e internacionais, aumentar a prática profissional em empresas internacionais, promover pesquisas e publicações conjuntas com universidades estrangeiras e cooperação com organizações internacionais, dentre várias outras ações.

Conclusão

Documenta-se, neste artigo, um histórico sobre as ações realizadas na UNIJUÍ para atender à demanda relacionada à LI e à internacionalização da comunidade acadêmica. Dentre estas ações, destaca-se a importância do ERI, do PDI e do LELU. Ambos apresentam benefícios suplementares à comunidade acadêmica, devido à configuração de uma cultura de aprendizado de línguas estrangeiras, que outrora parecia alheia à realidade

dessa comunidade. Pode-se presumir que o caráter alheio dessa cultura é um fruto do descrédito conferido a esse processo nos países do Sul Global, em virtude dos resultados pouco exitosos no que tange à proficiência linguística de estudantes, gestores e professores, bem como os fatores culturais e históricos que mercantilizam e, por consequência, elitizam o aprendizado de línguas estrangeiras em vários contextos e mais severamente no contexto acadêmico-universitário. Tal situação agrava-se pelo fato de que a maioria dos estudantes são trabalhadores, ou seja, não dispõe de tempo para potencializarem seus estudos linguísticos universitários.

Embora a UNIJUÍ e a maioria das universidades mantenham acordos internacionais, é essencial que compreendam como a LI é vital para envolver estudantes, gestores e professores de forma orgânica em todos os setores da comunidade acadêmica, uma vez que há “a influência das instituições e contextos sociais sobre o grau de motivação do aprendiz” (RESENDE, 2003, p. 66). Tais aspectos foram considerados nesta análise e alguns fatores externos à sala de aula mostraram-se como insumos que podem ajudar a compor, pelo menos em parte, o ambiente sociocultural internacionalizado no qual se encontram os indivíduos desta universidade.

Indubitavelmente, a universidade trilha caminhos para internacionalização no sentido de tornar o conhecimento produzido mais notório no contexto internacional, apesar das barreiras linguísticas e da pouca tradição de intercâmbio dada a sua posição geográfica. A universidade mostrou, por meio de várias ações, ter a compreensão da LI e da internacionalização como perspectivas fundamentais no cenário atual e na formação de sua comunidade acadêmica, mas de forma incipiente.

A análise do contexto sociocultural da instituição indicou a existência de divergência entre as necessidades dos agentes e as dos documentos oficiais, fato esse que é apresentado na maioria da IES no Brasil e, em especial, nos países pertencentes ao BRICS, considerados do Sul Global. É necessário, portanto, discutir e problematizar estratégias e ações de internacionalização gloais que não reproduzam modelos alheios desconhecidos das vozes dos interessados.

Destarte, as desvantagens e os desafios foram analisadas ao levar em consideração os motivos que levam uma IES ao processo de internacionalização do ES inter-relacionada com o papel da LI. No entanto, o processo analítico desta investigação possui uma perspectiva crítica de aplicação ou implantação de PL da LI, no sentido de compreender a identidade e ir além dos muros da própria IES, assim como analisar os interesses da internacionalização do ES imbricados no uso da LI desvinculada do falante nativo e sem conexão exclusiva com o mercado de trabalho, mas com o lócus da pesquisa.

Por conseguinte, uma integração das políticas nacionais e locais relacionadas com a internacionalização e a LI é essencial para a promoção do multilinguismo e para o

enfrentamento dos equívocos e mitos em torno da internacionalização, aprendizagem e ensino de línguas. Assim sendo, como sugestão de novos estudos, o questionário sobre motivação de Dörnyei, Henry e Muir (2016) poderia ser utilizado em outras instituições do Brasil e/ou do Sul Global a fim de comparar os resultados de diferentes países, estados e regiões. Entre as lacunas, destaca-se, desse modo, a necessidade de estudos que contemplem a aprendizagem e uso da LI e de pesquisas que discutam alternativas para (re)desenhos das estratégias tradicionais de internacionalização, as quais devem ir ao encontro das necessidades de países do Sul Global e, por conseguinte, dos concernentes ao BRICS.

Representations, practices, and social perceptions of the Brazilian university community regarding English language in an academic setting

Abstract

In the context of Higher Education, the English language is (re)designed in diverse, dynamic, and fluid social practices. This idiom stands out for shaping unique praxiologies that emerge in their academic communities' practices, perceptions, and representations of subjects. Therefore, this article presents research focused on the context of a community university in the interior of the State of Rio Grande do Sul, which is in the process of expanding its language policies. To this end, a questionnaire on motivation was applied, focus groups, interviews with individuals from the academic community, and records in a field diary were carried out, which entered into dialogue with theoretical proposals on the subject. The results indicate that the aforementioned academic community is looking for alternatives that go beyond the traditional strategies of using EL, in an attempt to break with the hegemonic and excluding practices of language existing in southern countries.

Keywords: Higher Education; Language; Motivation

Referências

- ALTBACH, P. G.; KNIGHT, J. The Internationalization of Higher Education: Motivations and Realities. **Journal of Studies in International Education**, v. 11, n. 3-4, p. 290-305, outono/inverno 2007.
- ASCHIDAMINI, I. M.; SAUPE, R. Grupo Focal - Estratégia Metodológica Qualitativa: Um Ensaio Teórico. **Cogitare Enfermagem**, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 9-14, jun. 2004.
- BAUMVOL, L. K.; SARMENTO, S. A internacionalização em Casa e o uso de inglês como meio de instrução. In: BECK, M. S.; MORITZ, M. E.; MARTINS, M. L. M.; HEBERLE, V. (Orgs.). **Echoes: Further Reflections on Language and Literature**. Florianópolis: UFSC, 2016. p. 65-82.

BRICS BRASIL 2019. O que é o BRICS. **BRICS Brasil 2019**. Disponível em: <http://brics2019.itamaraty.gov.br/sobre-o-brics/o-que-e-o-brics>. Acesso em: 06 abr. 2021.

BROSH, H. Perceived characteristics of the effective language teacher. **Foreign Language Annals**, v. 29, n. 2, p. 125-136, 1996.

CALVET, L. J. **Las políticas lingüísticas**. Buenos Aires: Edicial, 1997.

DAFOUZ, E.; SMIT, U. Towards a dynamic conceptual framework for English-Medium education in multilingual university settings. **Applied Linguistics**, v. 37, n. 3, p. 397-415, 2014.

DE WIT, H. Internationalization of Higher Education: Nine misconceptions. **International Higher Education**, v. 64, p. 6-7, 2011.

DÖRNYEI, Z.; HENRY, A.; MUIR, C. **Motivational Currents in Language Learning: Frameworks for Focused Interventions**. New York: Routledge, 2016.

DÖRNYEI, Z.; TAGUCHI, T. **Questionnaires in Second Language Research: Construction, Administration and Processing**. 2. ed. New York: Routledge, 2010.

FAIRCLOUGH, N. A análise Crítica do Discurso e a Mercantilização do Discurso Básico: as Universidades. In: MAGALHÃES, C. **Reflexões sobre a análise crítica do discurso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001. p. 31-81.

FINARDI, K. R. The slaughter of Kachru's five sacred cows in Brazil: Affordances of the use of English as an international language. **Studies in English Language Teaching**, v. 2, n. 4, p. 401-411, 2014.

FINARDI, K. R.; PORCINO, M. C. Technology and methodology in ELT: impacts of globalization and internationalization. **Ilha do Desterro** [online], n. 66, p. 239-283, 2014.

FINARDI, K. R.; SANTOS, J. M.; GUIMARÃES, F. F. A relação entre línguas estrangeiras e o processo de internacionalização: Evidências da Coordenação de Letramento Internacional de uma Universidade Federal. **Interfaces**, Brasil / Canadá, v. 16, n. 1, p. 233-255, 2016.

GARDNER, R. C.; LAMBERT, W. E. Motivational variables in second language acquisition. **Canadian J. Psychol.**, v. 13, p. 266-272, 1959.

GOMEZ, P. A. Z. Deconstructing language learners' feelings of inferiority through Teletandem. **Revista do GEL**, v. 15, n. 3, p. 302-323, 2018.

GRIFFITHS, C. Language learning strategies: Students' and teachers' perceptions. **ELT Journal**, v. 61, n. 2, p. 91-99, 2007.

GUIMARÃES, R. M.; PEREIRA, L. S. M. Mapeamento dos estudos sobre políticas linguísticas e internacionalização no Brasil. **Forum lingüístic.**, Florianópolis, v. 18, n.1, p. 5596 - 5617, jan./mar.2021.

GUIMARÃES, F. F.; FINARDI, K. R. Interculturalidade, Internacionalização e Intercompreensão: qual a relação? **Ilha do Desterro** [online], v. 71, n. 3, p. 15-37, 2018.

GUIMARÃES, F. F.; KREMER, M. Adopting English as a medium of instruction (EMI) in Brazil and Flanders (Belgium): a comparative study. **Ilha do Desterro** [online], v. 73, n. 1, p. 217-246, 2020.

HILDEBLANDO JÚNIOR, C. A.; FINARDI, K. R. Internationalization and virtual collaboration: insights from COIL experiences. **Revista Ensino em Foco**, v. 1, n. 2, p. 19-33, 2018.

HORWITZ, E. K. Using student beliefs about language learning and teaching in the foreign language methods course. **Foreign Language Annals**, v. 18, n. 4, p. 333-340, 1985.

JORDÃO, C. ILA – ILF – ILE – ILG: Quem dá conta? **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 13-40, 2014.

KNIGHT, J. Five myths about internationalization. **International Higher Education**, v. 62, p. 14-15, 2011.

LARSEN-FREEMAN, D.; LONG, M. **An Introduction to Second Language Acquisition Research**. London: Longman, 1994.

LEFFA, V. Criação de bodes, carnavalização e cumplicidade: considerações sobre o fracasso da LE na escola pública. In: DE LIMA, D. (Org.). **Inglês em escola pública não funciona?** Uma questão, múltiplos olhares. São Paulo: Parábola, 2011. p. 15-31.

MIRANDA, J. A. A.; STALLIVIERI, L. Para uma política pública de internacionalização para o ensino superior no Brasil. **Revista Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 22, n. 03, p. 589-613, nov. 2017.

MOROSINI, M. C.; CORTE, M. G. D. Teses e realidades no contexto da internacionalização da educação superior no Brasil. **Educação em Questão**, v. 56, n. 47, p. 97-120, 2018.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NOELS, K. A. Learning Spanish as a second language: Learners' orientations and perceptions of their teachers' communication style. **Language Learning**, v. 51, n. 1, p. 107-144, 2001.

PENNYCOOK, A. **Global Englishes and transcultural flows**. New York: Routledge, 2007.

PENNYCOOK, A.; MAKONI, S. **Innovations and Challenges in Applied Linguistics from the Global South**. Oxon: Routledge, 2020.

PEREIRA, F.M. Internacionalização e Formação Linguística na UFBA: Um Relato Sobre Desafios e Estratégias. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 5631-5641, jan./mar., 2021.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem e identidade e questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

RESENDE, L. A. S. **Querer é poder, querer e poder, querer sem poder: a motivação para o aprendizado de inglês na escola pública sob uma perspectiva semiótica social**. 2003. 240 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

RIBEIRO, A. C. **Desenvolvimento Curricular**. Lisboa: Texto Editora, 1990.

RICENTO, T. **An introduction to language policy**: Theory and method. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

SCHUMANN, J. The acculturation model for second language acquisition. In: GINGRAS, R. (ed.). **Second language acquisition and foreign language teaching**. Arlington, VA: Center for Applied Linguistics, 1978b. p. 27-50.

SHOHAMY, E. **Language policy**: Hidden agendas and new approaches. New York: Routledge, 2006.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SILVA, K. A; XAVIER, R. P. Um panorama da internacionalização da educação superior na área do ensino de línguas adicionais e da pesquisa no Brasil. *Internacionalização do Ensino Superior. Forum lingüístic.*, Florianópolis, v. 18, n. 1, p.5 585 - 5595, jan./mar.2021.

SPRACHCAFFE. ¿Por qué estudiar inglés? **Sprachcaffe Language Plus**, España. Disponível em: <http://www.sprachcaffe.com/espanol/porque-estudiar-ingles.htm>. Acesso em: 06 jul. 2021.

STREET, B. What's "New" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. **Current Issues in Comparative Education**, v. 5, n. 2, p. 77-91, 2003.

UNIJUÍ – UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Plano de Desenvolvimento Institucional**: PDI UNIJUÍ – 2020-2024. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2019.

UNIJUÍ – UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Plano de Desenvolvimento Institucional**: PDI UNIJUÍ – 2015-2019. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2015.

UNIJUÍ – UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Plano de Internacionalização**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2018.

UNIJUÍ – UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Relatório de Gestão**: 2017-2019. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2019.

VAVRUS, F.; PEKOL, A. Critical Internationalization: moving from theory to practice. **FIRE - Forum for International Research in Education**, v. 2, n. 2, p. 5-21, 2015.

VOGEL, T. Internationalization, interculturality, and the role of foreign languages in higher education. **Higher Education in Europe**, v. 26, n. 3, p. 382-389, 2001.

